



Comentário Bíblico Exegético de João 1–6 (KJA)

Uma análise versículo a versículo do Quarto Evangelho, com rigor acadêmico e foco cristocêntrico — explorando o Logos encarnado, os sinais reveladores e o convite universal à vida eterna.

[Iniciar Estudo](#)

[Sobre o Método](#)

Introdução Metodológica

Este comentário tem como objetivo analisar o Evangelho de João, capítulos 1 a 6, versículo a versículo, mantendo firme foco cristocêntrico e rigor acadêmico. A cada perícopo, o leitor é conduzido a contemplar a pessoa e a obra de Jesus Cristo como centro e horizonte de toda a narrativa joanina.

Método Exegético

Adotamos a exegese histórico-gramatical, que busca o sentido original do texto em seu contexto linguístico, cultural e histórico, reconhecendo a integridade do cânon.

- Versão utilizada: **KJA (King James Atualizada)**
- Análise do vocábulo grego original
- Contextualização judaica do primeiro século

Referências Acadêmicas

O comentário dialoga com os mais respeitados exegetas do Evangelho de João:

→ **D. A. Carson**

The Gospel According to John (1991) — análise exegética profunda

→ **N. T. Wright**

John for Everyone (2006/2012) — perspectiva histórico-teológica

→ **R. E. Brown**

The Gospel According to John (1997) — análise literária e teológica

João 1:1–5 — O Logos Eterno

O prólogo joanino inaugura o evangelho com uma das afirmações teológicas mais densas das Escrituras. O termo *Logos* (Verbo) é empregado para identificar o Filho de Deus como a razão divina eterna, anterior a toda criação.

v. 1 — Preexistência Divina

"**No princípio era o Verbo**" — o verbo grego *ēn* (imperfeito de εἶμι) indica existência contínua antes de qualquer criação. O *Logos* não foi criado; ele simplesmente *era*. Carson (1991, p. 45) ressalta que este eco de Gênesis 1:1 é deliberado, posicionando Cristo como o agente da nova criação.

v. 2 — Distinção Pessoal na Trindade

"**Ele estava com Deus, e era Deus**" — a preposição grega *pros* implica comunhão face a face, indicando distinção pessoal entre o Pai e o Filho, enquanto o predicado nominal sem artigo sublinha a natureza divina do Logos.

v. 3 — Fundamento Criacionista

"**Todas as coisas foram feitas por intermédio dele**" — o Logos é o agente instrumental da criação (Wright 2006, ch. 2). A negação absoluta "sem ele nada foi feito" reforça a mediação universal do Filho.

v. 4–5 — Vida e Luz Salvadora

"**Nele estava a vida**" — vida divina (*zōē*) como fonte da existência humana. "**A luz brilha nas trevas**" — o verbo *katélaben* pode significar tanto "superar" quanto "compreender"; em ambos os sentidos, as trevas fracassam diante do Cristo luminoso.

João 1:6–8 — João Batista, Testemunha da Luz



O evangelista faz uma transição deliberada do plano eterno do Logos para a arena histórica, introduzindo João Batista como a voz preparatória profetizada em Isaías 40:3. A estrutura literária contrasta, com precisão teológica, a testemunha com Aquele a quem ela aponta.

v. 6 — O Enviado

"Surgiu um homem enviado por Deus" — o verbo *apestálmēnos* (enviado) remete à missão profética. João cumpre a tipologia de Elias (cf. Mt 3:1) como precursor do Messias.

v. 7 — A Testemunha

"Ele veio como testemunha" — o papel mediador de João é judicial: ele dá depoimento público acerca da identidade do Logos, habilitando o povo a crer por meio de seu testemunho.

v. 8 — A Distinção

"Ele não era a luz" — a ênfase é cristológica: João é o reflexo, não a fonte. Cristo é a luz autêntica e absoluta; o Batista é a lâmpada que aponta para o sol.

João 1:9–13 — A Luz que Vem ao Mundo

Esta perícope apresenta o dramático contraste entre a vinda universal da Luz e a rejeição específica de Israel, culminando na sublime promessa da adoção divina para todos os que creem.



v. 9 — Universalidade da Luz

"Luz verdadeira que ilumina a todo homem" — o adjetivo *alēthinon* (verdadeira/autêntica) distingue Cristo de toda iluminação parcial. A salvação é ofertada sem discriminação étnica ou social.



v. 10–11 — A Rejeição

"O mundo foi feito por ele, mas não o reconheceu" — tragédia cósmica: o Criador é desconhecido pela criação. "Os seus não o receberam" — Israel, detentor das promessas, rejeita o cumprimento delas.



v. 12–13 — Adoção Divina

"Deu o direito de serem filhos de Deus" — o substantivo *exousian* (direito/autoridade) indica um status conferido, não merecido. O novo nascimento (v. 13) é exclusivamente de Deus, não de vontade humana.

João 1:14–18 — O Verbo se Fez Carne

O clímax teológico do prólogo: a encarnação do Logos eterno. Brown (1997, p. 112) considera este versículo o ápice de toda a teologia joanina — o Criador habitando a criação em carne humana.

v. 14 — Encarnação

"**O Verbo se fez carne**" — *sarx egeneto*, a divindade assumindo plenamente a condição humana. "Habitou entre nós" evoca a Shekinah, a glória de Deus residindo no tabernáculo (cf. Êx 40:34).

v. 17 — Contraste Moisés-Cristo

"**A Lei foi dada por Moisés**" — a Lei revela o pecado; "**a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo**" — a redenção é provida em Cristo. Não se trata de oposição, mas de cumprimento e superação.

1

2

3

4

v. 15–16 — Graça Abundante

João Batista valida a preexistência de Cristo: "**Era antes de mim**". "Graça sobre graça" (*chárin anti cháritos*) — bênçãos incessantes, um dom sobre o outro, revelando a generosidade infinita do Filho.

v. 18 — Revelação Definitiva

"**Ninguém jamais viu a Deus**" — o Logos encarnado é a exegese viva (*exēgēsato*) do Pai. Cristo não apenas revela atributos divinos; Ele *é* a auto-revelação de Deus na história.

João 2:1–11 — O Primeiro Sinal: Água em Vinho

O primeiro dos sete sinais joaninos ocorre em Caná da Galileia, em um casamento judaico. Wright (2012, ch. 4) destaca que a escolha de uma festa nupcial não é acidental: o banquete messiânico é imagem recorrente do Reino de Deus nos profetas (Is 25:6; Am 9:13).

01

Cenário (v. 1–2)

Casamento em Caná — contexto social e cultural judaico, com Jesus e seus discípulos presentes como convidados honrados.

02

A Crise (v. 3–4)

A falta de vinho representa desonra social. A resposta de Jesus — "ainda não chegou a minha hora" — aponta para o cumprimento escatológico do seu ministério.

03

O Mandato (v. 5–6)

Maria instrui: "Fazei tudo o que ele vos disser." As seis talhas de pedra (purificação judaica) são preenchidas até a borda — abundância incomensurável.

04

O Sinal (v. 7–11)

A água se torna vinho excelente — o melhor guardado para o fim. **"Este sinal manifestou a sua glória"** (v. 11): o sinal revela identidade, não apenas poder.



João 2:12–22 — Purificação do Templo

A cena da purificação do Templo em João é narrada no início do ministério (diferente dos Sinóticos), o que Carson (1991, p. 78) interpreta como intenção teológica: João quer estabelecer desde o início a autoridade de Jesus sobre o culto judaico e sua autopromoção como o novo Templo.

A Chegada (v. 12–13)

Jesus vai a Jerusalém para a Páscoa — festa que evoca o êxodo e a libertação. A presença do Cordeiro pascal no Templo é profundamente simbólica.

A Expulsão (v. 14–16)

"A minha casa será chamada casa de oração" — Jesus age com autoridade profética, citando Isaías 56:7. O zelo pelo Pai consome o Filho (Sl 69:9).

O Sinal do Corpo (v. 17–19)

"Destruí este templo e em três dias o levantarei" — prefiguração explícita da morte e ressurreição. O "templo" é seu corpo glorificado, o locus definitivo da presença de Deus.

A Incompreensão (v. 20–22)

Os judeus não compreendem; os discípulos recordarão depois da ressurreição. A fé pós-pascal é necessária para a plena compreensão das palavras de Jesus.

João 3:1–8 — Nicodemos e o Novo Nascimento



O Encontro Noturno

Nicodemos, fariseu e membro do Sinédrio, vem a Jesus *de noite* — detalhe que João usa simbolicamente para indicar sua condição espiritual. Ele reconhece Jesus como "mestre vindo de Deus" mas ainda não compreende a verdadeira natureza do Reino.

v. 3 — A Necessidade

"É necessário nascer de novo" (*anōthen*) — o advérbio significa tanto "de novo" quanto "do alto". A ambiguidade é intencional: o novo nascimento é simultaneamente repetição e origem divina.

v. 4–5 — Água e Espírito

O nascimento da água e do Espírito contrasta com o nascimento natural. Evoca Ezequiel 36:25–27: Deus aspergirá água limpa e colocará seu Espírito nos corações — promessa messiânica cumprida em Cristo.

v. 6–8 — Soberania do Espírito

"O vento sopra onde quer" — em grego, *pneuma* significa tanto "vento" quanto "espírito". A soberania do Espírito é irresistível e misteriosa: o novo nascimento é obra exclusivamente divina.

João 3:9–21 — Luz, Amor e Condenação

Esta perícopé é um dos cumes teológicos do Novo Testamento. Avançando do questionamento de Nicodemos, Jesus revela o coração do evangelho: o amor de Deus, o propósito redentor da encarnação e a seriedade do juízo para os que recusam a luz.

Tipologia da Cruz (v. 13–14)

"Assim como Moisés levantou a serpente no deserto, assim é necessário que o Filho do Homem seja levantado" — Jesus aponta para sua crucificação como o evento salvífico central. A serpente de bronze (Nm 21:8–9) é tipo: quem olha vive.

O Evangelho Universal (v. 15–16)

"Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito" — *houtōs* não indica o grau do amor, mas seu modo: por meio da entrega do Filho. A vida eterna (*aiōnios*) é qualitativa tanto quanto quantitativa — vida da própria esfera de Deus.

Luz versus Trevas (v. 17–21)

O juízo não é o propósito da vinda de Cristo, mas a consequência inevitável da rejeição da luz. Quem pratica a verdade vem à luz — a ética joanina une ortodoxia e ortopraxia de maneira indissolúvel.

João 4:1–6 — A Jornada a Samaria

A decisão de Jesus de passar por Samaria é teologicamente carregada. Judeus observantes evitavam o território samaritano por razões religiosas e étnicas que remontavam ao período assírio (2 Rs 17). Ao atravessar esta fronteira, Jesus anuncia que o evangelho não conhece barreiras geográficas ou raciais.

- **v. 1–2:** Jesus deixa a Judeia ao saber que os fariseus monitoravam seu ministério crescente — prudência estratégica sem abandonar a missão.
- **v. 3–4: "Era necessário passar por Samaria"** — o verbo grego *édei* (necessidade divina) indica que esta jornada é cumprimento da vontade de Deus, não conveniência geográfica.
- **v. 5–6:** O poço de Jacó, carregado de memória patriarcal, torna-se palco da revelação. A sede física de Jesus humaniza o Logos encarnado — ele é plenamente humano enquanto plenamente divino.

Contexto Histórico

Samaria foi repovoada com povos pagãos após a deportação assíria de 722 a.C. Os samaritanos desenvolveram um judaísmo sincretista centrado no Monte Gerizim. Para um judeu piedoso, o contato era impensável — tornando o encontro de Jesus ainda mais radical.



João 4:7–15 — O Encontro com a Mulher Samaritana

Este diálogo é um dos mais ricos do Quarto Evangelho. Jesus quebra múltiplas barreiras simultaneamente: étnica (judeu/samaritano), de gênero (homem/mulher) e religiosa. A conversa avança pedagogicamente, conduzindo a mulher de incompreensão literal a compreensão espiritual.



v. 7–10 — O Pedido e a Oferta

Jesus pede água — ato que a mulher reconhece como transgressor das normas sociais. A resposta de Jesus inverte o paradigma: **"Se soubesses quem te pede água, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva"**. O pedante se torna o doador.



v. 11–13 — A Incompreensão Literal

A mulher interpreta literalmente, como Nicodemos interpretou literalmente o novo nascimento. **"O poço é fundo"** — ela compara Jesus a Jacó. Jesus não corrige de forma condescendente, mas aprofunda a revelação progressivamente.



v. 14–15 — Água que Nunca Seca

"Quem beber desta água que eu lhe darei nunca mais terá sede" — a água viva (*hydōr zōn*) é o Espírito Santo e a vida eterna que Cristo oferece. A promessa é irrevogável e inexaurível. "Dá-me desta água" — o desejo começa a despertar.

João 4:16–26 — Revelação da Messianidade

O Conhecimento Profético (v. 16–18)

"**Vai, chama teu marido**" — Jesus conduz a conversa ao ponto de necessidade mais profundo. Ao revelar que conhece os cinco maridos e o homem atual da mulher, ele demonstra conhecimento sobrenatural que ela reconhece como sinal profético.

Adoração em Espírito (v. 19–24)

A discussão sobre o lugar de adoração — Monte Gerizim vs. Jerusalém — é transcendida por Jesus. "**A hora vem, e agora é**" — o culto verdadeiro não é geográfico, mas pneumatológico. "**Deus é espírito**" — definição cristológica única no NT.

O "Eu Sou" Messiânico (v. 25–26)

A mulher menciona o Messias que virá; Jesus responde: "**Eu sou, que falo contigo**" — em grego, *Egō eimi*, eco do Nome divino revelado a Moisés (Êx 3:14). Esta é a primeira autodeclaração messiânica explícita em João.



- ☐ **Ponto Cristocêntrico:** Em nenhum outro lugar no Evangelho de João Jesus declara tão claramente sua identidade messiânica antes do processo da Paixão. A revelação é feita a uma mulher samaritana — os marginalizados são os primeiros a receber o evangelho pleno.

João 4:27–42 — Testemunho da Mulher e da Cidade

O testemunho da mulher samaritana exemplifica o padrão missionário joanino: encontro com Cristo → transformação pessoal → proclamação comunitária → fé coletiva. Este ciclo se repete ao longo do evangelho como estrutura evangelística fundamental.

1

O Retorno à Cidade (v. 27–30)

Os discípulos retornam surpresos ao ver Jesus falando com uma mulher. A mulher deixa seu cântaro — símbolo de sua antiga busca — e vai proclamar: "**Vinde ver um homem que me disse tudo o que fiz**".

2

A Colheita Espiritual (v. 31–38)

Jesus fala aos discípulos sobre o alimento que desconhecem: "**Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou**". A colheita já está madura — o campo samaritano é imagem da missão universal.

3

A Confissão da Cidade (v. 39–42)

Muitos samaritanos creem pela palavra da mulher. Após dois dias com Jesus, confessam: "**Este é verdadeiramente o Salvador do mundo**" — título universal que ultrapassa fronteiras nacionais e religiosas.

João 4:43–54 — A Cura do Filho do Oficial



O Segundo Sinal em Caná

Este segundo sinal joanino (cf. v. 54) ocorre à distância, sublinhando que o poder de Cristo não é limitado pela proximidade física. O oficial real (*basilikós*) pode ser um servidor de Herodes Antipas — sua posição social não garante fé automática.

v. 43–48 — O Desafio da Fé

"Se não virdes sinais e prodígios, de modo nenhum creeis" — Jesus diagnostica uma fé dependente de espetáculo. O oficial, porém, insiste com urgência paterna genuína.

v. 49–50 — A Palavra que Cura

"Vai, teu filho vive" — a cura se dá pela palavra soberana de Jesus, à distância. O oficial crê na palavra antes de verificar o resultado — este é o modelo de fé que João celebra.

v. 51–54 — A Fé da Casa

A confirmação chega: o filho sarou exatamente na hora em que Jesus pronunciou a palavra. Toda a casa do oficial crê — o sinal produz fé comunitária e não apenas individual.

João 5:1–9 — O Curado à Beira do Poço de Betesda

O poço de Betesda ("casa da misericórdia") em Jerusalém era o cenário de esperança para centenas de enfermos. Jesus escolhe um único homem — paraplégico há trinta e oito anos — para revelar a soberania graciosa de sua cura: ele não curou todos, mas curou aquele que escolheu.

1

O Cenário (v. 1–3)

A piscina com cinco pórticos era local de reunião dos enfermos — cegos, mancos, paraplégicos. O contexto da Páscoa em Jerusalém amplifica o simbolismo redentor do evento.

2

A Pergunta Decisiva (v. 6–7)

"**Queres ser curado?**" — não é crueldade, mas apelo à vontade. O homem responde descrevendo sua impotência: sem ninguém que o ajude. Jesus vai ao encontro da total vulnerabilidade humana.

3

A Cura (v. 8–9)

"**Levanta-te, toma o teu leito e anda**" — três imperativos que transformam trinta e oito anos de paralisia em movimento imediato. A cura ocorre no sábado — elemento que desencadeará o conflito com os líderes religiosos.

João 5:10–18 — Confronto com os Fariseus

A Acusação (v. 10–13)

Os líderes religiosos ignoram o milagre e focalizam na violação do sábado — o curado carregando seu leito. A questão é de autoridade: quem tem poder de redefinir o sábado? Somente Deus ou seu representante autorizado.

O Encontro no Templo (v. 14–15)

Jesus encontra o curado no Templo e o adverte: **"Não peques mais, para que não te aconteça coisa pior"** — a cura física aponta para a necessidade de cura espiritual. O homem informa os fariseus, iniciando a perseguição formal.

A Reivindicação (v. 16–18)

Jesus responde à acusação com audácia: **"Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho"**. Ao chamar Deus de "meu Pai" em sentido exclusivo, Jesus reivindica igualdade com Deus — blasfêmia para os fariseus, revelação para os crentes.



- ❑ **Cristologia em Conflito:** O confronto sabático em João 5 não é sobre legislação religiosa — é sobre identidade divina. Jesus afirma que o Pai trabalha continuamente em sua obra de sustento e redenção, e que o Filho co-labora com o mesmo poder.

João 5:19–30 — Autoridade do Filho

Este discurso cristológico é um dos mais elevados do Quarto Evangelho. Jesus desdobra sistematicamente a relação entre o Pai e o Filho, revelando que toda autoridade judicial e vivificadora está concentrada no Filho encarnado.

Obediência (v. 19–20)

"O Filho não pode fazer nada por si mesmo, senão o que vê o Pai fazer" — a dependência do Filho não é fraqueza, mas perfeita comunhão de vontade e ação com o Pai.

Vida Eterna (v. 24–29)

"Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem vida eterna" — a vida eterna é presente, não apenas futura. A ressurreição final será para vida ou para condenação, conforme a resposta à palavra de Cristo.



Vivificação (v. 21)

"Assim como o Pai ressuscita os mortos e os vivifica, assim também o Filho vivifica a quem quer" — o Filho possui poder criativo e ressurrecionário próprio, exercido soberanamente.

Julgamento (v. 22–23)

"O Pai não julga ninguém, mas todo o julgamento delegou ao Filho" — o Filho é o Juiz escatológico universal. Honrar o Filho é honrar o Pai — a cristologia é critério soteriológico.

João 6:1–15 — A Multiplicação dos Pães



O Quarto Sinal — Messias Provedor

A multiplicação dos pães é o único milagre narrado nos quatro evangelhos, indicando sua importância central. Brown (1997, p. 210) identifica paralelos deliberados com a alimentação do Israel no deserto por Moisés — Jesus é o novo Moisés, o novo provedor do pão celeste.

A Pergunta Teste (v. 4–6)

Jesus pergunta a Filipe "Onde compraremos pão?" — mas já sabe o que fará. O teste é pedagógico: revelar a insuficiência dos recursos humanos diante da necessidade.

A Oferta do Menino (v. 7–9)

Cinco pães e dois peixes — ridiculamente insuficientes para cinco mil homens, além de mulheres e crianças. André reconhece a inadequação, mas apresenta o pouco disponível.

O Sinal (v. 10–13)

Jesus dá graças (*eucharistēsen*), distribui, e todos se saciam. Doze cestos de sobras — abundância messiânica que ultrapassa toda necessidade.

A Reação (v. 14–15)

"Este é verdadeiramente o profeta que havia de vir ao mundo" — a multidão reconhece o sinal messiânico mas quer um rei político. Jesus se retira, recusando o messianismo revolucionário.

Conclusão — O Logos que Habita entre Nós

João 1–6 revela, com progressão narrativa magistral, a identidade e a missão do Logos encarnado. Do prólogo eterno à multiplicação dos pães, cada perícopo convida o leitor a uma compreensão mais profunda de quem é Jesus Cristo e o que ele veio realizar.

A Luz (Jo 1)

O Logos eterno entra na história como luz que nenhuma trevas pode apagar — revelação definitiva do Pai encarnada em carne humana.

A Glória (Jo 2–3)

Os sinais em Caná e a purificação do Templo inauguram o ministério público, enquanto o diálogo com Nicodemos convida ao novo nascimento pelo Espírito.

A Água Viva (Jo 4–5)

A mulher samaritana e o paraplético de Betesda revelam que Cristo rompe fronteiras sociais, religiosas e físicas para trazer vida àqueles que a humanidade descartou.

O Pão da Vida (Jo 6)

A multiplicação dos pães aponta para o Pão que desce do céu — Jesus mesmo como alimento eterno da alma, cumprimento do maná no deserto.

"E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade."

— João 1:14, KJA

Jônatas Silva da Cruz — Teólogo

Este comentário foi elaborado com fidelidade ao texto sagrado, rigor acadêmico e devoção cristocêntrica. Que o estudo das Escrituras conduza o leitor a um encontro mais profundo com o Logos encarnado.